



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS**

**O DISCURSO SOBRE A LÍNGUA INGLESA NA CIDADE DE
BAGÉ**

ANELISE MARTINS SILVEIRA

BAGÉ

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO DE LETRAS**

**O DISCURSO SOBRE A LÍNGUA INGLESA NA CIDADE DE
BAGÉ**

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II como requisito básico para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Licenciatura em Letras Português/ Inglês e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof. Dr^a Carolina Fernandes

ANELISE MARTINS SILVEIRA

BAGÉ

2015

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta analisar o discurso sobre a língua inglesa na cidade de Bagé, localizada ao sul do Brasil e próxima ao Uruguai, bem como a não adesão aos cursos de inglês oferecidos gratuitamente pela Universidade Federal do Pampa. O trabalho propõe uma reflexão sobre diferentes discursos relacionados à língua inglesa na cidade de Bagé, através de entrevistas coletadas com alunos da Universidade Federal do Pampa, estudantes e não-estudantes da língua, aleatoriamente. O material das entrevistas coletadas, somado ao referencial teórico permite compreender parte das motivações e expectativas com relação à língua inglesa e retrata discursos de sujeitos com diferentes imagens sobre a língua, possibilitando a reflexão e análise sobre o assunto em questão.

Palavras-chave: discurso, língua inglesa, ideologia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the discourse about the English Language in the city of Bagé, located in the south of Brazil and close to Uruguay, as well as the non-adherence to the English courses offered free from the Universidade Federal do Pampa. The paper proposes a reflection about the different discourses related to the English language in Bagé, through interviews collected with students from the Universidade Federal do Pampa, students and non-students of the language randomly. The material of the collected interviews plus the theoretical framework allows us to understand part of the motivation and expectations regarding the English language and portrays discourses of subjects with different images about the language, enabling the reflection and analyses of the subject matter.

Keywords: Discourse Analysis, English language, ideology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1. Língua, linguagem, discurso.....	7
2.2. Sujeito, ideologia, identidade.....	9
2.3. Cultura e língua estrangeira	10
2.4. Ensino-aprendizagem da Língua Inglesa na cidade de Bagé.....	12
3. ANÁLISES DAS ENTREVISTAS	15
3.1. Discurso sobre Língua Inglesa	15
3.2. Identificação com a Língua Inglesa e a cultura de Língua Inglesa	18
3.3. A imagem do ensino de Língua Inglesa	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
6. ANEXOS	24

AGRADECIMENTOS

Chegando ao final do curso, temos muitos motivos para comemorar e muitas pessoas para agradecer, porque afinal não conquistamos nada sozinhos. Agradeço aos meus pais, José Gabriel e Lara, pelo incentivo e suporte de sempre. Ao meu noivo, Ney, que foi paciente e me incentivou nos momentos que mais precisei de estímulo. Agradeço às minhas irmãs, Clarisse e Gabriela, e aos amigos, que compreenderam minhas ausências durante a graduação e sei que neste momento compartilham minha alegria. Agradeço aos meus professores que com dedicação me fizeram ter a certeza da escolha que fiz, em especial aos incansáveis, que sempre nos respeitaram como seres humanos, entre eles a Professora Katia Morais que muito contribuiu para despertar meu interesse sobre o tema do meu trabalho. Agradeço à minha Orientadora Carolina Fernandes pelas pacientes orientações e pela generosidade de compartilhar comigo seu tempo e conhecimento. Agradeço também ao Professor Giovani Aiub, pelo desprendimento de se deslocar até Bagé para avaliar e contribuir com meu trabalho.

1. INTRODUÇÃO

A língua inglesa, desde o imperialismo inglês e depois norte-americano, é considerada uma língua universal, língua que domina o mundo dos negócios, lazer, oportunidades, status, etc. Pensar o discurso sobre língua inglesa pode variar de acordo com a história de cada sujeito e está diretamente relacionado com o contexto social em que está inserido. As motivações de cada sujeito para estudar inglês podem ser diferentes, bem como as impressões que se tem a respeito da língua e dos benefícios que ela pode ou se imagina que pode oferecer.

No Brasil, país falante de língua portuguesa como língua oficial, existe um expressivo número de pessoas que buscam aprender inglês, com diferentes finalidades. Por sabermos dessa busca, é possível afirmar que há uma grande valorização do sujeito falante de língua inglesa, principalmente quando o tema em questão é mercado de trabalho. Mas este não é o único aspecto que move quem busca aprender inglês. Aprender inglês pode ser a porta de entrada para atingir objetivos distintos e pertencentes à história de cada sujeito, já que a aprendizagem de língua estrangeira está relacionada com a construção ideológica e um processo discursivo.

Encontramos em diferentes formas de comunicação um discurso de grande valorização do sujeito falante de língua inglesa com relação ao mercado de trabalho, mundo dos negócios e status social, além de um estímulo para que se aprenda este idioma, na perspectiva de obter melhores oportunidades na vida profissional e prestígio social. Esse discurso está presente em propagandas de escolas de idiomas, por exemplo, onde em geral o sujeito que não sabe falar inglês é ridicularizado, e/ou está alienado ao que acontece ao seu redor. Além das propagandas das escolas de idiomas, muitas reportagens de programas de televisão ou material impresso mostram o sucesso de quem sabe se comunicar em inglês. O discurso da mídia de massa que valoriza a língua inglesa é reforçado pelo Estado com incentivos aos programas de intercâmbio, como Ciências sem Fronteiras, por exemplo, que contempla os alunos que, além de preencher uma série de pré-requisitos, devem ter conhecimento em outra língua, entre elas, a língua inglesa.

Imaginários constituídos e reforçados dia a dia pela mídia e pelos discursos presentes no convívio social, provocam diferentes efeitos de sentido em cada sujeito, aguçando assim sentimentos de vontade, repúdio, estímulo, preconceito, glorificação e necessidade de aprender inglês. Quando se fala em aprender inglês, não se fala somente na língua em si, mas de todos os aspectos que envolvem a fundo a cultura, o dia a dia, as relações pessoais, os hábitos e costumes de pessoas nativas de países falantes da língua.

O discurso sobre a língua inglesa depende de quem fala e de onde fala, podendo ser ao mesmo tempo formador de opinião e “carregado de valores histórico-culturais”, como afirma Orlandi (2003). Cada sujeito tem a sua impressão sobre o que é hoje a língua inglesa baseado na influência que os diferentes discursos exercem sobre ele. Diferentes questionamentos a respeito da busca por aprender inglês são possíveis: seria a busca por qualificação, por status, por curiosidade, por obrigação, por prazer? Temos na sociedade um discurso sobre a língua inglesa que circula atualmente e é cada vez mais repetido pelo Estado a partir do fomento a pesquisas, programas e intercâmbios que envolvem o uso da língua inglesa. Esse discurso exalta a necessidade do aprendizado da língua inglesa.

Partindo do pressuposto de que a busca por aprender a língua inglesa é baseada em imaginários sobre a língua e reforçada por diferentes discursos, este trabalho irá analisar o discurso sobre a língua inglesa na atualidade na cidade de Bagé e as motivações para aprender este idioma, bem como qual a imagem que se tem sobre os falantes de língua inglesa. Apesar de o discurso do senso comum apontar uma afirmação sobre a importância de estudar e aprender inglês, o trabalho pretende também analisar o discurso sobre os cursos de línguas oferecidos pela Universidade Federal do Pampa, que têm por objetivo atender a essa demanda de interessados em aprender não só inglês, mas outros idiomas e que embora gratuitos e em horários flexíveis, não têm a procura esperada.

A pesquisa será baseada no discurso de estudantes e não-estudantes de língua inglesa na cidade de Bagé, ao sul do país, próxima ao Uruguai e que tem como língua oficial o Português, levando em conta questões histórico-

culturais presentes nos discursos observados através de entrevistas. As entrevistas foram gravadas anonimamente com 11 alunos voluntários da UNIPAMPA Campus Bagé e foram conduzidas de maneira informal para que o entrevistado desenvolvesse mais naturalmente suas opiniões. As análises das entrevistas estarão expostas e contextualizadas em um capítulo destinado para isso.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. LÍNGUA, LINGUAGEM, DISCURSO

Existem várias formas de estudar a linguagem, pode-se dedicar atenção à língua enquanto sistema de signos ou sistema de regras, o que caracteriza a linguística; é possível também dedicar-se às regras para se falar bem, por exemplo, o que caracteriza o estudo da gramática normativa. Além disso, é possível pensar a língua significando de modo diferente, dependendo da posição ideológica e condições de produção. A partir desse aspecto se deu o interesse pela linguagem de uma maneira particular, refletindo sobre significados e representações diferentes, dando origem à Análise do Discurso. A Análise do Discurso não pensa a língua como um sistema abstrato, mas a partir da produção de sentido.

A língua é um aspecto fundamental quando se trata do universo dos estudos de linguagem. Para Análise do Discurso, a língua é vista em sua forma material, significante, sujeita a equívocos, que por sua constituição histórico-social, produz sentido. Como afirma Ferreira (2003) “para o analista de discurso, a língua não será objeto de investigação primordial, mas um pressuposto fundamental para analisar a materialidade do discurso”. Para compor o discurso, a língua é a ferramenta que possibilita a interpretação, ela é a materialidade histórica da palavra.

De acordo com Ferreira (2003, p.193), discurso “é o objeto que possibilita observar a relação da língua e a história, bem como os efeitos do jogo da língua na história e os efeitos da história na língua”. Na Análise do Discurso, é possível observar a diferença entre ordem e organização da língua: enquanto a organização corresponde à estrutura do texto a ordem se refere ao discurso, cuja estrutura relaciona língua e história. “A palavra discurso tem em si a ideia de curso, de percurso, de movimento” Orlandi (2012). Através do discurso, se torna possível compreender como um material simbólico é capaz de produzir sentidos e como o sujeito se constitui. A AD, levando em conta os seus princípios, valores e conceitos, considera a noção de discurso enquanto

processo social, que se materializa linguisticamente. Nesse aspecto é que se difere a Análise do Discurso da linguística: o objeto da AD não é a língua, e sim o discurso, um objeto com carga histórica, social e ideológica.

De acordo com Orlandi (ibdem) com base em Pechêux, para a AD, o esquema da comunicação com os elementos emissor, mensagem e receptor não é tão objetivo assim. Não há tanta objetividade nessa comunicação, porque

não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. Na realidade, a língua não é só um código entre outros, não há essa separação entre emissor e receptor, nem tampouco eles atuam numa sequência em que o primeiro fala e depois o outro decodifica etc. Eles estão realizando ao mesmo tempo o processo de significação e não estão separados de forma estanque. Além disso, ao invés de mensagem, o que propomos é justamente pensar aí o discurso. Desse modo, diremos que não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. Orlandi (2012, p.22)

Sendo o discurso relacionado à ideologia, definida como “sentido em certa direção” (Orlandi 1996, p.36), é possível observar que não se trata de algo simples e objetivo, já que discurso pode provocar diferentes produções de sentido. Já o texto, na perspectiva discursiva, se caracteriza por algo que dá forma ao discurso, possibilitando as interpretações. De acordo com Orlandi (2012) sobre as reflexões de Michel Pêcheux, essas interferências dos diferentes efeitos de sentido produzidos pelos discursos “interpelam o indivíduo enquanto sujeito pela ideologia”. Por isso, o sujeito reproduz os discursos aos quais está exposto, e essa questão será refletida neste trabalho com as análises dos discursos dos entrevistados sobre a língua inglesa. O conceito de sujeito e sua relação com a ideologia será abordado na seção seguinte.

2.2. SUJEITO, IDEOLOGIA, IDENTIDADE

Para Análise do Discurso, a ideologia como produção de sentido aparece como efeito de constituição dos sujeitos e dos sentidos. Por um mecanismo ideológico, aquilo que já é constitutivo aparece como já estabelecido, já dito. Como menciona Ferreira (2003), “a ideologia no discurso é a evidência do sentido e a constituição do sujeito com base na origem do que diz”. O sujeito assume uma posição com relação à formação discursiva aproximando-se mais da forma-sujeito que regula essa FD ou distanciando-se dela, assumindo uma posição de contraidentificação.

A posição-sujeito é relevante para a análise do discurso e não o sujeito em si, porque os processos discursivos vão se desenvolver através dele, mas não tem nele sua origem. Assim, “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (Orlandi, 2012, p.51).

É possível pensar, então, que se estabelece entre a língua e o sujeito do discurso uma relação, onde o sujeito se constitui através do discurso e constitui o discurso, pelo uso da língua, através das suas experiências, representações históricas e sociais. O sujeito é fruto de suas vivências, identificações, com traços do outro. De acordo com Coracini (2003), os sujeitos com suas interferências do outro vão formando fios, e constituindo uma rede de subjetividade complexa e híbrida no inconsciente.

Em se tratando da constituição do sujeito, é difícil não pensar na mídia e nos veículos de informação que produzem sentidos que provocam um efeito de verdade, como se não houvesse outras possibilidades de interpretação. Nesses casos, a interpelação pela mídia fica mascarada pelo efeito da verdade que os meios de comunicação produzem. A mídia, com suas estratégias, influencia as pessoas, semeia valores que não são questionados, somente reproduzidos e defendidos sem reflexão.

Por isso, é possível pensar que a mídia de massa influencia na constituição da identidade do sujeito e de uma nação. A parcialidade da imprensa produz efeitos no discurso escolar:

A identidade, nacional, individual, subjetiva, é produzida ou constituída socialmente por aquele a quem se atribui maior poder, a quem se concede autoridade para legitimamente dizer verdades ou a verdade sobre os fatos, o povo, o indivíduo. Coracini (2003, p. 202)

Se o indivíduo enquanto sujeito é interpelado pela ideologia, é possível pensar que esta interpelação é inconsciente e que esses discursos passam a fazer parte do que o sujeito é sem ter sua aprovação.

Nos vemos inevitavelmente, pelo olhar do outro, a imagem que constituímos de nós mesmos, provém do outro, cujo discurso nos perpassa e nos constitui em sujeitos, construindo no nosso imaginário a verdade sobre nós mesmos, verdade com a qual nos identificamos e assumimos como se não fosse transitória. LACAN (1996 [1998] apud Coracini 2003, p.17)

Logo, o sujeito é uma construção social e discursiva em processo e transformação onde o outro nos constitui, bem como constitui o nosso discurso. Desse modo, o sujeito entrevistado nesta pesquisa é considerado por sua constituição ideológica e não por seu caráter, personalidade, etc. Os entrevistados são considerados sujeitos discursivos, não empíricos e não estão nomeados, mas identificados por seu lugar social: estudante de que curso, semestre e se estuda ou não inglês.

2.3. CULTURA E LÍNGUA ESTRANGEIRA

Para o senso comum, quando se pensava em cultura a primeira impressão que surgia era a relação com algo erudito, adquirido por diversos meios, principalmente o estudo. Hoje quando se pensa o conceito de cultura, o senso comum relaciona com uma determinada nação, algo ligado ao exótico, diferente, algo que particulariza um povo. A definição de cultura é muito complexa, e tem diferentes olhares, dependendo da origem do questionamento - histórico, antropológico, comportamental, etc. Em uma visão antropológica, é possível pensar que cultura é uma rede de significados que dá sentido ao mundo que cerca um sujeito, ou seja, a sociedade. Essa rede de significados

engloba um conjunto de aspectos, entre eles as crenças, costumes, valores, leis, moral e línguas.

De acordo com Fernandes e Silva (2014), a Análise do Discurso ressignifica a noção de cultura, relacionando-a com seus princípios. “Pensar em cultura sob o olhar da AD remete a um espaço simbólico, um lugar de interpretação” (ibidem, p.13). Assim, a cultura é vista como construção ideológica que forma o lugar de onde se produz o imaginário sobre uma sociedade. Com este olhar da AD sobre a cultura, é possível fazer uma ligação entre cultura e a língua, neste caso a língua inglesa. A cultura é parte do imaginário quando se trata de aprender uma língua. Aprender uma língua envolve aspectos históricos, particularidades da rotina dos habitantes dos países que falam esta língua, curiosidades sobre os hábitos, sobre o comportamento, enfim, sobre a cultura na sua definição como rede de significados que dá sentido ao sujeito e à sociedade.

O conceito de cultura relacionado à língua está ligado a disputas e poder. Como citam Fernandes e Silva (2014, p.14), “é por meio da cultura que os sujeitos são identificados desde seus traços de comportamento até as diferenças linguísticas e seu modo de portar-se à mesa”. Assim, supõe-se que ao se comunicar em uma língua o sujeito é capaz de sentir-se inserido em uma cultura diferente, a dos falantes do idioma que pratica. Porém, o processo de ensino aprendizagem de línguas, muitas vezes, envolve aspectos que insistem em imitar comportamentos e estereótipos, buscando, por exemplo, a pronúncia perfeita. Esquece-se, assim, que o inglês, por exemplo, é falado em diversos países, e não por ter sotaques e/ou pronúncias diferentes esses falantes nativos deixam de falar inglês e atingir o objetivo fundamental que é a comunicação.

Logo, “conseguimos aproximar ideologia e cultura, visto que ambas se configuram em aspectos de poder e de interpretação” como cita De Nardi (2007). Na Análise do Discurso, cultura e ideologia se relacionam e estão presentes nos efeitos de sentido produzidos por diferentes discursos.

Enquanto lugar de produção de sentidos, ideologia e cultura funcionam naturalizando sentidos, criando efeitos de evidência

e verdade. Por meio desse funcionamento, mascaram-se as condições de produção que estão na base dos processos discursivos e culturais e faz-se com que enquanto alguns sentidos são legitimados, outros sejam sufocados, permanecendo, no entanto, latentes, abrindo espaços de imersão entre outros furos dessa estrutura que os apaga. De Nardi (2007, p.63)

Se a cultura e a ideologia estão diretamente relacionadas aos processos de identificação do sujeito, é possível pensar que esses aspectos estão da mesma forma, presentes nas relações do sujeito com a língua. Sendo assim, este trabalho pretende considerar as noções de cultura e ideologia abordadas aqui na análise do discurso sobre a língua inglesa na cidade de Bagé.

2.4. ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA CIDADE DE BAGÉ

O desejo de aprender outras línguas, a “língua do outro”, como refere Aiub (2014, p.23) pode estar presente desde a história de Babel, “quando a língua única deixa de existir e surge o querer aprender ou dominar a língua do outro.” Aiub (Ibdem p.24) sugere que a queda da Torre de Babel teria sido a origem do ensino de línguas estrangeiras, a busca por aprender o novo, pelo entendimento, compreender o idioma estranho. No entanto, em seguida o autor afirma que “essa aproximação com o desconhecido se pretende plena, mas nunca chega a ser” (Ibdem, p. 24). Com isso, não seria possível se apropriar da língua do outro completamente, porque a língua estrangeira envolve mais aspectos além de somente a sua estrutura.

A necessidade-desejo de aprender inglês independe da localização geográfica que o sujeito possa estar, mesmo que evidências apontem que o mais previsível ou acessível seja aprender o idioma de um país vizinho, como por exemplo, brasileiros residentes ao sul do país buscar aprender espanhol, porém isto não é uma realidade. Em Bagé-RS localizada ao sul do Brasil, a 60 km de distância do Uruguai, bem como em outras partes do Brasil e do mundo, existe grande valorização da língua inglesa, valorização que não acontece com outras línguas, como o espanhol. A ideia de que moradores de países

fronteiriços, neste caso Brasil-Uruguai, têm necessidade-desejo de aprender o idioma do país vizinho pode não ser uma constante, por motivos distintos: talvez por acreditar que já se tem conhecimento da língua apenas pela exposição em breves visitas ou contato com pessoas, ou por considerar a língua parecida com o português, ou ainda por desconsiderar a importância de se aprender espanhol, já que a língua considerada pelo senso comum a mais importante em termos de oportunidades é a língua inglesa.

Seguindo a legislação brasileira, e na cidade de Bagé-RS não é diferente, a língua inglesa está presente nas escolas regulares e ainda para quem possa interessar e pagar existem diversas escolas de idiomas. Ensinar inglês hoje, tanto na escola regular quanto em escolas de idiomas, pode parecer tarefa fácil levando em conta as diferentes abordagens e principalmente quando se trata de alunos motivados, envolvidos pela atmosfera que a língua inglesa promove, de jogos, diversão, oportunidades de estudo e de trabalho, status, etc. No entanto, essa realidade de interesse por parte dos aprendizes nem sempre é comum, embora sintam a necessidade de aprender o idioma, por razões distintas, muitas vezes se apoiam em desculpas como falta de tempo, falta de dinheiro, no caso de escolas de idiomas, ou simplesmente porque priorizam outras questões.

Em Bagé-RS, nas escolas regulares, tanto privadas quanto públicas, o que a grade curricular oferece é em geral um ou dois períodos de aulas de inglês por semana, tempo esse que se torna insatisfatório para um bom desenvolvimento de atividades e conteúdos levando em conta que em cada sala de aula o professor encontra normalmente uma sala cheia e bastante heterogênea, onde se misturam pessoas de diferentes contextos sociais e interesses. Ensinar inglês, portanto, torna-se um grande desafio para o professor, que precisa além de preparar suas aulas de acordo com cada grupo e nível de conhecimento, pensar nos alunos que se interessam para que não se desestimulem, e nos que não se interessam, para despertar interesse, trabalhar com as dificuldades, e além de toda essa preocupação com o desenvolvimento do grupo, existem ainda as questões de disciplina.

Nas escolas de idiomas, o professor encontra uma realidade diferente em alguns aspectos, mas muito próxima da realidade da escola regular em outros. Os cursos de inglês das escolas de idiomas variam em presenciais, não-presenciais, de 1 a 5 ou 6 vezes por semana, a variedade de ofertas é grande, se observarmos as propagandas das escolas na TV, rádio e internet. Porém, o professor trabalha, bem como na escola regular, com grupos heterogêneos quanto ao imaginário da língua, mesmo que estejam enquadrados por idade, nível de conhecimento, etc. Ainda que estudar em uma escola de idiomas seja uma escolha, muitos alunos só buscam aprender inglês por imposição dos pais, por necessidade no trabalho, por busca de qualificação profissional e não por interesse e/ou identificação com a língua.

Além do contato com a língua inglesa na escola regular e possibilidade de estudar em escolas de idiomas, atualmente, a partir da necessidade de atender às exigências do programa Ciências sem Fronteiras foi criado o Inglês sem Fronteiras, hoje Idiomas sem Fronteiras, aberto à comunidade acadêmica. Outra possibilidade para estudar inglês, além deste programa que qualifica possíveis candidatos ao programa Ciências sem Fronteiras, é o Núcleo de Línguas da UNIPAMPA, onde são oferecidos cursos de diferentes idiomas, gratuitos para a comunidade acadêmica e para a sociedade. Os cursos de inglês e espanhol, que são cursos de graduação que a universidade oferece, sempre são oferecidos e além destes, cursos de outras línguas como francês, mandarim, entre outras. Os cursos de inglês e espanhol sempre são ofertados, porque em geral são ministrados pelos estagiários dos cursos de Licenciatura em Letras, quanto aos demais idiomas, acontecem de acordo com a disponibilidade de voluntários aptos para tal atividade. Os cursos são oferecidos para os alunos da universidade e para a comunidade em geral, sem custo algum. Além disso, a Universidade conta com um acervo de livros em língua inglesa em sua biblioteca que são usados em cursos como Engenharias, por exemplo, o que reforça a necessidade de aprender a língua.

Os grupos heterogêneos de aprendizes da língua inglesa, interessados e não interessados, estão presentes também na universidade, onde a maioria dos alunos reconhece a necessidade de aprender inglês e relaciona esse domínio da língua com boas oportunidades de estudo e no mercado de

trabalho quase como um pré-requisito para um bom emprego. O Núcleo de Línguas da UNIPAMPA oferece um serviço que muitos alunos não poderiam pagar em escolas de idiomas, e seria uma facilidade estudar inglês nos intervalos das disciplinas dos seus cursos, mas mesmo assim a procura pelos cursos de inglês oferecidos gratuitamente pela universidade não é a esperada. Aprender uma nova língua não envolve somente o desenvolvimento de habilidades, prática e treino, mas também a identificação com esse novo mundo que a língua proporciona acesso. É possível que a falta de procura pelos cursos gratuitos não seja por falta de tempo, como muitos justificam, mas sim por não se identificarem com a língua. As análises das entrevistas, no próximo capítulo, buscarão compreender o quanto a não identificação dos sujeitos com a língua inglesa interfere na falta de interesse em buscá-la.

3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

3.1. DISCURSO SOBRE LÍNGUA INGLESA

Entre os 11 entrevistados, os interessados pela língua inglesa, os que não se interessam e mesmo os que não se identificam, é unânime o discurso sobre a importância de ter conhecimento a língua inglesa. Todos afirmam que o inglês é uma língua que proporciona melhores oportunidades profissionais, de estudo e também nas relações sociais. Talvez por estarem inseridos em um contexto acadêmico, quase todos os entrevistados destacam a importância de saber inglês para sua trajetória de estudo e futura carreira, com exceção da entrevistada número 3, acadêmica do curso de Letras - Português e Literatura que afirma: “para o curso que escolhi, não preciso de inglês”, porém ainda assim reconhece a importância e a presença da língua no seu dia a dia, para tarefas simples como usar o computador, por exemplo. A maioria dos entrevistados reconhece que saber falar a língua inglesa, considerada a língua que domina o mundo dos negócios, dos estudos, etc. pode ser um diferencial no currículo profissional, no entanto já aparece entre as opiniões que saber

falar inglês hoje é tão básico que não se considera mais um diferencial no currículo, como pontua a entrevistada 4 “hoje em dia tem bastante gente que fala inglês, mas igual é bom saber outra língua para o currículo”.

Quando questionados sobre as razões que fizeram buscar aprender inglês, todos afirmam que foi visando se preparar para o mercado de trabalho, mesmo que não houvesse identificação com a língua. Alguns entrevistados, afirmam que só buscaram aprender inglês por uma obrigação de se preparar para o mercado de trabalho, porque se pudessem escolher, não estudariam inglês. Além dos casos de entrevistados que buscaram aprender inglês inicialmente por incentivo-obrigação dos pais, uma entrevista que chamou bastante atenção foi a do entrevistado 11, acadêmico do curso de Línguas Adicionais - Espanhol/Inglês, que sempre quis estudar Espanhol na graduação, porém como a universidade não mais oferecia Letras Português/Espanhol ele teve que optar pelo curso de Línguas Adicionais - Espanhol/ Inglês o que o obrigou a estudar inglês na graduação. O entrevistado afirma “particularmente não me identifico com a língua inglesa”, e vê esta etapa do curso como uma obrigação para conseguir o que deseja, que é a graduação em Espanhol. Porém, concorda com a maioria dos outros entrevistados sobre a importância de saber falar inglês e reconhece que saber se comunicar em inglês pode proporcionar melhores oportunidades de trabalho, de estudo e também nas relações sociais.

Embora a maioria dos entrevistados afirme que saber falar inglês é algo muito importante, indispensável para o currículo e pode proporcionar melhores oportunidades profissionais, nem todos estudam ou estudaram inglês além da escola regular. As justificativas para não dar sequência ao estudo da língua inglesa são de diferentes ordens, como por exemplo, a falta de tempo, falta de dinheiro, falta de interesse e por não priorizar esta atividade entre as outras tarefas que precisam cumprir. Quando conversávamos sobre estudar inglês e dar sequência ao estudo da língua, em resposta às justificativas por não dar sequência aos estudos por falta de dinheiro ou de tempo, por exemplo, foram mencionados na conversa o programa Idiomas sem Fronteiras e o Núcleo de Línguas da Universidade Federal do Pampa. Todos entrevistados disseram saber da existência dos cursos oferecidos gratuitamente para a comunidade e

para os estudantes, no entanto ainda assim usam como justificativa a falta de tempo para cursar e embora haja ampla divulgação das ofertas de cursos em diferentes horários, alguns ainda acreditam que os cursos são oferecidos somente durante o dia, o que impediria que alunos que trabalham pudessem aproveitar a oportunidade como afirma a entrevistada 3 “não posso aproveitar a oportunidade porque os cursos são diurnos e eu trabalho”.

Os entrevistados foram questionados sobre o perfil ideal do professor de inglês e sobre o perfil do sujeito falante de língua inglesa. Quando questionados sobre o perfil do professor, as opiniões variaram entre um brasileiro graduado e um falante nativo. A maioria afirmou que um brasileiro graduado cumpre melhor o papel de professor de inglês porque tem a capacidade de se colocar no lugar do aprendiz, porque já passou por essa etapa e seria capaz de detectar possíveis dificuldades do aluno antes mesmo de o aluno manifestá-las e ainda teria a capacidade de apresentar e trabalhar conteúdos de maneira mais fácil por ter a língua materna em comum. Porém, surgiram algumas opiniões sobre o professor ideal ser um falante nativo, porque “tem melhor pronúncia e sabe mais” como menciona a entrevistada 3. Outros se dividiram e afirmaram que os dois perfis podem ser bons professores de inglês, dependendo da formação e preparação para exercer essa atividade.

Falando sobre o perfil do sujeito falante de língua inglesa hoje, surgiram questões bastante pontuais, que remeteram a condições financeiras. Os entrevistados mencionaram que os sujeitos falantes de língua inglesa em geral são pessoas com poder aquisitivo razoável porque “puderam pagar cursos em escolas de idiomas por longos períodos” como cita o entrevistado 11. Outras referências também surgiram sobre o sujeito falante de língua inglesa, que seriam “pessoas mais cultas, mais inteligentes” de acordo com a entrevistada 3 ou ainda que “há algum tempo atrás, saber falar inglês era algo elitizado, mas hoje não, qualquer um pode aprender”, como refere a entrevistada 6 e ainda que seriam “pessoas desatualizadas”, de acordo com o entrevistado 1. Complementando esta questão das oportunidades, quando questionados sobre o perfil do sujeito que não fala inglês, vale destacar a opinião da entrevistada 5, quando afirma: “quem não fala inglês hoje é por falta de interesse, já que é tão fácil o acesso. Existem pessoas que aprendem assistindo séries de TV ou

através de jogos”. Em geral as opiniões sobre pessoas que falam inglês e pessoas que não falam inglês hoje, remeteram a oportunidades de estudar a língua, principalmente em termos financeiros. Estas oportunidades de estudar inglês, que hoje são oferecidas gratuitamente pela universidade para os sujeitos interessados em aprender, serão abordadas na seção 3.3 que irá refletir sobre cursos e aulas de inglês.

3.2. IDENTIFICAÇÃO COM A LÍNGUA INGLESA E A CULTURA DE LÍNGUA INGLESA

As entrevistas continham questões que apontaram além dos discursos sobre a necessidade ou desejo de aprender inglês por diferentes motivos e fins, questões que permitiram que os entrevistados em seus discursos deixassem explícita a identificação ou não com a língua inglesa. É possível entender, de acordo com as análises das entrevistas, que a identificação com a formação discursiva em que o inglês é visto como essa língua dos negócios, língua da ascensão social é a questão que mais impulsiona a busca por aprender um idioma. Pequenos detalhes que despertam interesse ou curiosidade no sujeito para aprender outra língua, como gostar de um personagem, gostar de uma série de TV, gostar de jogos, ou apreciar o modo de vida em um país anglófono, pode ser o início de uma relação de aprendizagem que se estabelece também com a cultura desses países e está diretamente relacionada com a língua. Há, nestes casos, a identificação com a língua e com a cultura da outra língua e esta identificação é um aspecto facilitador para a aprendizagem, porque desperta o interesse e curiosidade.

A maioria dos participantes acredita que quando se estuda uma língua a cultura está diretamente relacionada, como exemplificou o entrevistado 1: “algumas expressões e falas da outra língua só conseguimos entender se conhecemos o contexto. Como algumas coisas que o gaúcho fala, por exemplo, só conseguimos entender quando conhecemos a cultura”. Além deste depoimento sobre a ligação da cultura com a língua, outro depoimento interessante sobre a cultura foi dado pela entrevistada 4, ela diz “que valoriza

tudo que é de fora”. Esse discurso sobre a valorização da cultura, da língua, dos costumes, etc. do estrangeiro está presente em outros contextos de produção, como na mídia, que muitas vezes apresenta ou se refere ao Brasil como um país de terceiro mundo e menos evoluído em diversos aspectos do que países norte-americanos ou europeus, por exemplo. O discurso de desprezo pelos nossos hábitos, forma como vivemos no Brasil, nossa língua e cultura incentiva o sujeito a apreciar mais a cultura do estrangeiro, mais do que a nossa e isso no caso de aprendizado de línguas se torna um estímulo, porque produz o efeito de admiração, supervalorização.

Outro caso interessante de depoimento é do entrevistado 11, como já explicitado anteriormente, ele verbaliza claramente “não me identifico com a língua inglesa” e o próprio entrevistado reconhece que esta é a barreira principal que não permite que ele tenha interesse em aprender a língua, e assim a cultura, embora seja obrigado pela estrutura do curso que escolheu Línguas Adicionais - Espanhol/Inglês. O entrevistado toma como um desafio estudar a língua inglesa, embora hoje já veja este estudo como colaborador em aspectos pedagógicos para a língua que ele aprecia e deseja trabalhar futuramente, que é o espanhol.

Sendo a cultura parte do imaginário quando se trata de aprender uma língua, ao ser capaz de se comunicar, o sujeito se sente inserido em uma cultura diferente. Porém, em alguns casos, se sentir parte de uma cultura diferente não desperta curiosidade, pois o interesse em fazer parte da cultura do outro está relacionado com a identificação, logo a identificação será um determinante para envolver o sujeito o bastante para buscar aprender a língua.

3.3. A IMAGEM DO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Após serem colhidos os discursos sobre a língua, a cultura e identificação com a língua inglesa, as entrevistas trouxeram para discussão as formas disponíveis para se aprender inglês formalmente hoje na cidade de Bagé. Além da escola regular, onde se tem um ou dois encontros semanais reservados para a disciplina de inglês, é possível, durante e após o término do

ensino médio, continuar estudando inglês de várias formas hoje, e as formas tratadas aqui foram as escolas de idiomas e os cursos de línguas oferecidos pela universidade.

Quando questionados sobre a importância de aprender inglês, a maioria dos entrevistados afirma que saber inglês hoje é muito importante e os entrevistados que não sabem falar inglês gostariam de aprender a se comunicar nesta língua. No entanto, quando questionados sobre o motivo pelo qual não deram sequência ao estudo da língua inglesa, muitos justificam que as escolas de idiomas cobram altos preços pelos cursos oferecidos, que não têm tempo ou que têm outras prioridades no momento. Ainda sobre as escolas de idiomas, a maioria afirma que oferecem bons cursos e que os alunos realmente atingem o objetivo de conseguir se comunicar na língua que estudam. A maioria dos entrevistados também acredita que os professores das escolas de idiomas são bem preparados e “em geral são graduados” como afirma a entrevistada 3, o que nem sempre é verdade. Além disso, segundo a maioria dos entrevistados, as aulas das escolas de idiomas têm uma dinâmica que envolve e que organiza o curso para que os alunos tenham bom aproveitamento do tempo de estudo, vencendo assim etapas de aprendizagem. A metodologia e o material didático das escolas de idiomas também tendem a ser atrativos, de acordo com alguns entrevistados é satisfatório como refere a entrevistada 4: “o material pode ser usado além da aula”, em geral através de CD’s com o material em formato de áudio e vídeo e exercícios complementares, como por exemplo exercícios de compreensão auditiva, que não necessitam a troca em sala de aula com os colegas.

Os entrevistados reconhecem a qualidade desses cursos oferecidos pelas escolas de idiomas, porém acham muito dispendioso o investimento. Já sobre os cursos oferecidos gratuitamente pela UNIPAMPA - Núcleo de Línguas e Idiomas sem Fronteiras, alguns entrevistados mantiveram a afirmação que não teriam tempo disponível, ou que os horários dos cursos não coincidem com os horários que teriam livres para este tipo de atividade. Outros ainda mencionaram que os cursos não teriam a mesma qualidade dos cursos oferecidos nas escolas de idiomas porque “são ministrados pelos estagiários que nem sempre se sentem seguros” como afirma a entrevistada 10.

É possível observar, com base nos discursos dos entrevistados que não deram sequência ao estudo da língua inglesa sobre as escolas de idiomas e sobre os cursos oferecidos pela universidade, que ambos os cursos têm questões que os impedem de ingressar. Estas questões e justificativas remetem novamente para a identificação com a língua inglesa. É possível pensar que esses entrevistados, em geral, não deixam de estudar inglês por causa dos custos das escolas de idiomas ou porque os cursos gratuitos oferecidos pela universidade são ministrados por estagiários, mas sim por uma questão de identificação com a língua. O sujeito irá buscar aprender aquilo com o qual se identifica, vale também para o ensino de idiomas. Talvez por não se identificarem com a língua a qual reproduzem um discurso social que valoriza a sua importância, e também por saberem que estão sendo entrevistados por uma acadêmica do curso de Letras, os sujeitos reproduzem o discurso de valorização da língua inglesa, mas não se identificam com esse discurso, por isso indicam “desculpas” para justificar os motivos de não terem dado sequência ao estudo da língua inglesa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no referencial teórico, somado às amostras de discurso colhidas sobre a língua inglesa, sobre a cultura da língua inglesa, sobre identificação com a língua, cursos pagos e gratuitos, e diferentes perfis de professor, foi possível refletir sobre as motivações dos sujeitos para buscar aprender inglês e quais as impressões que têm sobre a língua inglesa. Mais do que isto, os discursos permitiram a reflexão também sobre o que impede os sujeitos de buscar aprender, embora suas opiniões sobre a língua remetam a quase uma obrigação de conhecê-la.

A partir das análises feitas, observamos que a constituição ideológica do sujeito afeta sua identificação com a língua estrangeira. No caso da língua inglesa, compreendemos que, na cidade de Bagé, há um imaginário de língua que produz o efeito de senso comum, em que a língua é vista como a língua dos negócios e da qualificação profissional. A maioria dos entrevistados deixou clara em suas opiniões sobre a língua inglesa, que é muito importante saber usá-la, ter conhecimento sobre ela. Em contrapartida, a necessidade de saber a língua, relatada nas entrevistas não está diretamente relacionada com a busca por aprender, já que não é proporcional - a maioria afirma ser importante, mas por diferentes motivos nem todos buscam/buscaram aprendê-la.

Além de analisar os discursos sobre a língua inglesa, também analisamos a imagem sobre o ensino-aprendizagem. Nesse item, observamos que a busca pela aprendizagem da língua envolve a questão da identificação do sujeito com a língua e a cultura. Embora os discursos sobre a língua variem em diferentes aspectos, é constante o discurso sobre a importância da língua inglesa. Porém, além das justificativas como falta de tempo ou falta de dinheiro para não buscar aprendê-la, está o impedimento da não identificação com esta língua. A falta de identificação com a língua e a cultura, não permite que o sujeito se envolva no processo de aprendizagem da língua e possivelmente é a justificativa que impede o sujeito que reproduz o discurso social da importância de saber se comunicar em inglês de buscar aprender este idioma.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIUB, Giovani Forgiarini. *O sujeito entre língua materna e estrangeira: lugar de interferências, historicidades, reverberações*. Curitiba, PR: Appris, 2014.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro na constituição da identidade*. Organon, v.17, nº 35, UFRGS, 2003.

DE NARDI, Fabiele. *Um olhar discursivo sobre língua, cultura e identidade*. Tese de doutorado. UFRGS, Porto Alegre, 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *O Caráter singular da língua na análise do discurso*. Organon, v.17, nº 35, UFRGS, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos* - 10ª edição, Campinas, SP : Pontes, 2012.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e feitos do trabalho simbólico* - 5ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

SILVA, Fabiana; FERNANDES, Carolina. *Hablamos y ‘ensenamos’ un ‘puoco’ de español: um olhar sobre o imaginário discursivo veiculado na mídia brasileira*. Revista Tabuleiro de Letras, PPGEL – Salvador, Vol 08, nº. 02, p. 116-137, Dezembro de 2014. ISSN: 2176-5782.

6. ANEXOS

6.1. Questionário 1* - para alunos que não estudam/estudaram inglês além da escola regular:

1. Quais suas impressões sobre a língua inglesa?
2. Por que não deu sequência ao estudo da língua inglesa?
3. Acredita que ter conhecimento sobre a língua inglesa faz falta em sua vida?
4. Que razões te fazem acreditar que seria bom aprender inglês?
5. Que objetivos acredita que seriam alcançados se estudasse inglês?
6. Qual sua impressão sobre as pessoas que falam inglês? Consegues traçar um perfil?
7. Qual o perfil ideal de professor de inglês: um falante nativo ou brasileiro graduado? Por quê?
8. Conhece os cursos de inglês oferecidos pela UNIPAMPA (IsF e o Núcleo de Línguas)? Já fez algum desses cursos?
9. Se sim: qual o depoimento sobre o curso? Se não: por que não aproveitar essa oportunidade, já que o curso é gratuito?
10. Como traçaria um comparativo entre os cursos de inglês oferecidos pela UNIPAMPA e escolas de idiomas, destacando aspectos positivos e negativos de ambos?
- 11.

6.2. Questionário 2 - para alunos que estudam/estudaram inglês além da escola regular:

1. Quais suas impressões sobre a língua inglesa?
2. Chama tua atenção aprender sobre a cultura de língua inglesa, sobre países e as pessoas que falam esse idioma? Por quê?

* Nos relatos foram utilizados discursos indiretos e não transcrições.

3. Que importância tem a língua inglesa na tua vida?
4. Que razões te fizeram buscar aprender inglês?
5. Que objetivos já alcançou por ter conhecimento de língua inglesa? E quais acredita que poderá alcançar?
6. Qual sua impressão sobre as pessoas que não falam inglês? Consegues traçar um perfil?
7. Qual o perfil ideal de professor de inglês: um falante nativo ou brasileiro graduado? Por quê?
8. Conhece os cursos de inglês oferecidos pela UNIPAMPA (IsF e o Núcleo de Línguas)? Já fez algum desses cursos?
9. Se sim: qual o depoimento sobre o curso? Se não: por que não aproveitar essa oportunidade, já que o curso é gratuito?
10. Como traçaria um comparativo entre os cursos de inglês oferecidos pela UNIPAMPA e escolas de idiomas, destacando aspectos positivos e negativos de ambos?

6.3. Relato 1: Aluno da UNIPAMPA, Engenharia Química, 3º semestre, estuda inglês em escola de idioma

O entrevistado destacou aspectos do senso comum sobre a língua inglesa, como a ideia de que aprender inglês proporciona melhores oportunidades profissionais e completou que essa ideia é reforçada no meio universitário que convive pelos professores e colegas. Acredita que a língua está diretamente relacionada com a cultura, e citou os gaúchos como exemplo, quando usamos expressões que só são entendidas por nós. O entrevistado acredita que hoje uma pessoa que não fala inglês, é vista como uma pessoa antiga, desatualizada. Ao ser questionado sobre o perfil ideal de professor de inglês, ele acredita que um professor brasileiro graduado pode ter maior empatia com os alunos, por saber os principais pontos de dificuldade. Sobre os cursos oferecidos pelas escolas de idiomas X cursos de línguas oferecidos pela UNIPAMPA, apontou como aspecto positivo das escolas de idiomas que em geral seguem uma sequência, uma metodologia que resulta no sucesso do aluno, porém esses cursos são particulares, e em geral caros e esse seria o

ponto negativo. Quanto aos cursos oferecidos pela UNIPAMPA o entrevistado afirma que a grande vantagem é que são oferecidos gratuitamente e qualquer pessoa pode ter acesso e a possível desvantagem é que, talvez esses cursos não tenham uma organização/metodologia que se compare com os cursos de idiomas particulares e por isso os alunos não teriam o mesmo desenvolvimento.

6.4. Relato 2: Aluno UNIPAMPA, Engenharia da Computação, 1º semestre, concluiu o curso de inglês em escola de idioma

O entrevistado justifica que além da língua ser muito presente no dia-a-dia para tarefas simples como compreender informações, compras, uso da internet, etc. é indispensável para o curso que escolheu e para o exercício da futura profissão, já que a maioria do material e atividades da sua área dependem desse conhecimento. Destaca que saber inglês oportunizou a comunicação com falantes dessa língua e que pode proporcionar além de oportunidades de viagens uma melhor qualificação profissional. Quando questionado sobre os cursos oferecidos pela UNIPAMPA, ele diz não ter conhecimento e que não se interessou porque já concluiu um curso em uma escola de idiomas. Quando foi solicitado que fizesse um comparativo sobre os cursos de línguas oferecidos pela UNIPAMPA e os cursos das escolas de idiomas, o entrevistado afirma que quem procura os cursos da UNIPAMPA está de fato interessado e que isso nem sempre acontece com os alunos das escolas de idiomas que muitas vezes fazem os cursos por imposição dos pais e que é muito comum surgirem questões de disciplina, o que ele não acredita que aconteça nos cursos de línguas da UNIPAMPA.

6.5. Relato 3: Aluna UNIPAMPA, Letras - Português/Literatura, 7º semestre, nunca estudou inglês além da escola regular

A entrevistada diz ter uma boa impressão sobre a língua, mas acha que para o curso que escolheu não precisaria investir, que existem outros assuntos

mais importantes. Porém, acha que faz falta ter conhecimento sobre a língua porque segundo ela tudo hoje é em inglês, que é uma língua universal e que para muitas tarefas do seu dia a dia é uma língua necessária, como usar o computador e para a vida acadêmica. Quando questionada sobre os possíveis objetivos que alcançaria, a entrevistada destaca que muitas portas se abririam no mercado de trabalho e também oportunidades de conhecer outros países. Sobre as pessoas que falam inglês, a entrevistada tem a impressão que são pessoas mais cultas, mais inteligentes. Quanto ao perfil do professor de inglês ideal, ela acredita ser um falante nativo, por ter uma melhor pronúncia e saber mais, exceto se o brasileiro souber muito sobre a língua. A entrevistada diz ter pouco conhecimento sobre os cursos de línguas oferecidos pela UNIPAMPA e diz não ter buscado porque trabalha o dia todo e acredita que esses cursos são ofertados somente durante o dia. Comparando os cursos de línguas oferecidos pela UNIPAMPA e os cursos das escolas de idiomas, acredita que os cursos oferecidos pela universidade não tem a mesma qualidade dos cursos das escolas de idiomas porque são ministrados pelos estagiários e nas escolas de idiomas ela imagina que os professores sejam graduados, porém acha vantajoso que sejam oferecidos para toda a comunidade gratuitamente, enquanto as escolas de idiomas não oferecem preços convidativos.

6.6. Relato 4: Aluna UNIPAMPA, Engenharia Química, 7º semestre, concluiu curso de inglês em escola de idiomas

A entrevistada gosta da língua e acredita que é uma língua fácil de aprender além de valorizar tudo que é de fora do Brasil. Acredita que o inglês é importante na sua vida porque consegue entender filmes, o que se fala nas músicas, eventos, etc. Pensa que não se compara conseguir entender a acompanhar a tradução. Aprender inglês foi um incentivo da mãe no início, mas depois ela passou a gostar da língua. Quanto aos benefícios que o conhecimento da língua inglesa já proporcionou, destaca em primeiro lugar a melhora do currículo e a possibilidade de conseguir melhores oportunidades profissionais, mas acredita que hoje já não é mais um grande diferencial porque muitas pessoas falam inglês. A entrevistada pensa que é estranho hoje

as pessoas não buscarem aprender inglês, tendo em vista que se tem muitas oportunidades para isso e conhece muitas pessoas que aprenderam por conta própria, com jogos e filmes, por exemplo. Ela acredita que seja falta de interesse. Sobre o perfil ideal de professor, ela acredita que os dois têm pontos positivos, já teve experiência com um falante nativo e gostou, mas pensa que um brasileiro graduado tem a capacidade de se colocar no lugar do aluno e identificar possíveis dúvidas. Conhece pessoas que atuaram do Núcleo de Línguas, mas não conhece os cursos, justifica que não busca esses cursos porque não tem tempo. Comparando os cursos oferecidos pela UNIPAMPA e os cursos das escolas de idiomas ela acredita que os cursos oferecidos pela UNIPAMPA sejam mais tradicionais, que os professores passam os assuntos no quadro, por exemplo, e que não contam com um material didático satisfatório e, em geral, nas escolas de idiomas é oferecido um material de qualidade, que o aluno pode explorar além da aula. Outra questão que a entrevistada destaca é que acredita que nos cursos das escolas de idiomas, os professores são melhor qualificados que os professores que dão aulas nos cursos de línguas oferecidos pela universidade, porque em geral são alunos, estagiários.

6.7. Relato 5: Aluna UNIPAMPA, Engenharia Química, 6º semestre, estudou inglês em escola de idiomas

A entrevistada acredita que o inglês é muito importante para escolha profissional que fez. Porém, mesmo tendo estudado esse idioma não tem muito conhecimento e se sente à margem quando ouve outras pessoas falando, ela afirma que não gosta de inglês. Quando estudou inglês, buscou aprender porque pensa que saber uma segunda língua é importante. Quando questionada sobre objetivos que já alcançou e objetivos que acredita que irá alcançar por ter conhecimento na língua, ela afirma que não alcançou nenhum, mas que acredita que terá mais oportunidades para continuar estudando, mestrado, por exemplo, e também que terá melhores oportunidades profissionais. Sobre as pessoas que não falam inglês, ela acredita que seja falta de interesses e que hoje todo mundo sabe algo de inglês porque escuta,

mesmo sem querer, em diferentes contextos e que em alguns casos pode ser falta de oportunidade. Quando questionada sobre o perfil ideal de professor disse que nunca teve aulas com falantes nativos e por isso não conseguiria comparar. A entrevistada já fez cursos no Núcleo de Línguas da UNIPAMPA, quando o programa iniciou, e afirma que não houve sequência nos cursos na época, por isso acabou perdendo o interesse. Comparando os cursos de línguas oferecidos pela UNIPAMPA e os cursos das escolas de idiomas, destacou que os cursos de línguas oferecidos pela universidade são gratuitos e em horários flexíveis, o que para ela são grandes vantagens, porém além de não oferecerem uma sequência, não oferecem um material didático satisfatório para o aluno dar sequência em casa, enquanto os cursos das escolas de idiomas oferecem bons materiais e o professor cobra mais os alunos, porém o custo desses cursos é alto.

6.8. Relato 6: Aluna UNIPAMPA, Engenharia Química, 8º semestre, nunca estudou inglês além da escola regular

Acredita que o inglês é muito importante porque abre portas profissionais e no curso que escolheu acredita que é preciso saber inglês. Não continuou estudando inglês porque quando criança a única escola de idiomas que existia em sua cidade fechou, quando veio para Bagé sempre acabou priorizando outras atividades e deixou o inglês de lado. Pensa que o inglês faz falta, mas acredita que consegue compreender porque o inglês está presente em diferentes ambientes e assim vai se tornando familiar, porém sente falta de estudar este idioma. A entrevistada acredita que seria bom aprender inglês principalmente por causa das oportunidades profissionais e que saber inglês deixou de ser um diferencial e passou a ser básico, porque muitas pessoas possuem essa qualificação. Quando questionada sobre oportunidades que seriam alcançadas se soubesse inglês, afirma que seria muito bom para viagens e que perdeu a oportunidade de participar do programa Ciências sem Fronteiras porque não tinha conhecimento da língua. Para a entrevistada, saber falar inglês há algum tempo era algo elitizado, restrito, mas hoje existem muitas ferramentas online e cursos gratuitos, o que permitem que todos, ou

muitas pessoas tenham acesso. Sobre o perfil ideal do professor de inglês, acredita que um falante nativo pode proporcionar um contato maior com a língua, mas um brasileiro graduado também pode ser bom. Quando questionada sobre os cursos de línguas oferecidos pela universidade a entrevistada disse que já buscou informações e chegou a se inscrever, mas que por falta de tempo acabou desistindo. Comparando os cursos de línguas oferecidos pela universidade e as escolas de idiomas, acredita que as escolas de idiomas têm material e uma estrutura de curso que ela não sabe se é oferecida pelos cursos da universidade porém, acredita que sejam bons porque existe bastante investimento e oportunidades de cursos gratuitos.

6.9. Relato 7: Aluna UNIPAMPA, Engenharia Química, 9º semestre, estudou inglês em escola de idiomas

A entrevistada acredita que o inglês é uma língua fácil, na opinião dela o que dificulta são as palavras iguais que existem nas duas línguas e pensa que aprender sobre as pessoas e sobre a cultura dos países falantes de língua inglesa é sim importante. Pensa que inglês é fundamental para conseguir boas oportunidades, que quem não sabe inglês não consegue a mesma posição e mesmas oportunidades. O seu interesse por aprender inglês foi para conseguir oportunidades profissionais e de viagens e já obteve esse sucesso quando foi selecionada para participar do programa Ciências sem Fronteiras, no qual um dos pré-requisitos era falar inglês e acredita que pode conseguir até mesmo um bom emprego fora do país. Para a entrevistada, o motivo das pessoas não falarem inglês hoje é não buscar aprender. Quando questionada sobre o perfil ideal do professor a entrevistada justifica que é independente de ser nativo ou brasileiro graduado, o que importa é a forma de ensinar. Sobre os cursos de línguas oferecidos pela universidade, ela diz que já ouviu falar, mas na época já estudava em uma escola de idiomas e os horários oferecidos não eram atrativos. Comparando os cursos de línguas oferecidos pela universidade e escolas de idiomas ela acredita que estudar inglês na universidade além de gratuito, pode ser vantajoso para quem consegue encaixar os horários e que as

escolas de idiomas oferecem bons cursos, com bons professores, porém com pouca carga horária.

6.10. Relato 8: Aluno UNIPAMPA, Engenharia Química, 9º semestre, nunca estudou inglês além da escola regular

O entrevistado acredita que a língua inglesa é indispensável para diferentes atividades, não deu sequência ao estudo por preguiça e por ter outras atividades que priorizou e prioriza, mas gosta da língua. Sente falta de saber inglês, para vida acadêmica e para o convívio social, sentiu isso quando fez intercâmbio para Portugal através do programa Ciências sem Fronteiras e se sentiu limitado, conseguia o básico, mas não conseguiu a troca cultural que desejava pela limitação da língua. Quando questionado sobre possíveis oportunidades que seriam alcançadas, o entrevistado destaca oportunidades profissionais que exigem inglês. Segundo o entrevistado, o perfil das pessoas que falam a língua inglesa já foi mais elitista, hoje basta ter interesse porque existem oportunidades. Sobre o perfil do professor, não é tão importante se é um falante nativo ou brasileiro graduado, desde que tenha fluência, conhecimento e didática será bom. O entrevistado conhece os cursos de línguas oferecidos pela universidade, começou na primeira etapa (my english online), mas não deu sequência por falta de tempo. Comparando os cursos da universidade e as escolas de idiomas ele acredita que as escolas de idiomas oferecem bons cursos, porém caros e a vantagem dos cursos da universidade é que são gratuitos, porém com poucas ofertas de horário.

6.11. Relato 9: Aluno UNIPAMPA, curso de Letras - Português, 8º semestre, estudou inglês em escola de idiomas

O entrevistado acredita que a língua inglesa é muito importante, e que aprender sobre as culturas relacionadas com a língua também é importante. Buscou aprender inglês para entender a língua que está presente no dia a dia e em assuntos do seu interesse. Acredita que adquiriu bastante informação por

ter conhecimento e que pode adquirir ainda mais. Para o entrevistado, hoje não falar inglês ainda está relacionado a questões sociais. Sobre o professor ideal não tem preferência, é indiferente ser nativo ou não. Quando questionado sobre os cursos de línguas oferecidos pela universidade, relata que foram ótimos os cursos que fez e que os professores também são ótimos. Comparando os cursos da universidade com escolas de idiomas, o entrevistado diz que imagina que as escolas de idiomas sejam muito boas, porque tem contato com pessoas que aprenderam dessa forma e têm sucesso e que também considera os cursos oferecidos pela universidade muito bons.

6.12. Relato 10: Aluna UNIPAMPA, curso de Letras - Português/Inglês, 7º semestre, estudou inglês em escola de idiomas

A entrevistada acredita que a língua inglesa é universal e possibilita obter informações e saber sobre as culturas dos países que falam esta língua. Para ela, também é muito interessante saber como se aprende inglês nos países que não se fala essa língua. A entrevistada afirma que a língua inglesa é muito importante, porque ela espera dar aulas de inglês e buscou aprender inglês porque sempre gostou da língua e pensa que pode ter acesso a coisas que não teria se soubesse somente português. Acredita que saber inglês já proporcionou uma melhor comunicação com pessoas que falam o idioma e conseguiu entender programas de TV sem precisar de legenda. Quanto aos objetivos que ela acredita que poderá alcançar por saber falar inglês, pensa que pode ter oportunidade de viajar para países falantes para ficar imersa no idioma para se sentir parte desse contexto. Sobre o perfil das pessoas que não falam inglês hoje, acredita que seja porque as pessoas não tem acesso ou não tinham acesso, porque hoje existem oportunidade de estudar gratuitamente. Quando questionada sobre o perfil ideal do professor, a entrevistada afirma que depende da preparação do professor que se um brasileiro for graduado tem melhores condições de dar aulas do que um falante nativo sem formação para isso. Sobre os cursos de línguas oferecidos pela universidade, ela afirma que conhece, já cursou que e atualmente está fazendo estágio no Núcleo de Línguas, ela afirma que não entende a pouca procura e que esta já se tornou

uma preocupação dos professores para conseguir alunos para que o projeto continue e que isso muitas vezes tira o foco da preparação das aulas. O professor nesse caso precisa não só se preocupar com a aula, mas precisa de qualquer forma chamar a atenção dos alunos para que eles continuem. Comparando os cursos de línguas oferecidos pela universidade e os das escolas de idiomas, acredita que a grande diferença é que como as pessoas pagam as escolas de idiomas assumem um compromisso maior, o que não acontece com os cursos gratuitos. Outra questão que a entrevistada compara é que as escolas de idiomas são elitistas enquanto os cursos da universidade são abertos para a comunidade, porém os professores das escolas de idiomas tem mais experiência, comparados com os estagiários dos cursos da universidade, que nem sempre estão seguros do que estão fazendo.

6.13. Relato 11: Aluno UNIPAMPA, 5ª semestre, Línguas Adicionais - Espanhol/Inglês, não estudou inglês além da escola regular

O entrevistado diz não se identificar com a língua inglesa, que teve contato com a língua na universidade em função da estrutura do curso que escolheu, no qual seu interesse é o espanhol. Porém, afirma que precisa aprender o idioma, por dois motivos: primeiro para superar essa parte do curso e segundo porque reconhece a importância de dominar a língua inglesa, por ser a mais abrangente, mas se pudesse escolher estudaria somente espanhol. Ele afirma que a cultura tem função facilitadora com relação ao aprendizado de línguas, porque ajuda a despertar maior interesse. Quando questionado sobre a importância do inglês, o entrevistado diz que como qualquer outro idioma, rompe barreiras e por isso se torna prazeroso, porém a obrigação de aprender para cumprir uma parcela do curso que escolheu não o agrada. Além disso, ele afirma que as línguas que o curso propõe não são ensinadas, mas sim reforçadas na universidade. O curso de línguas adicionais foi o único motivo que o fez buscar aprender inglês, e não por escolha, se pudesse escolher, não estudaria inglês na graduação. Quando questionado sobre objetivos que alcançou e ainda pode alcançar por ter conhecimento em inglês, o entrevistado acredita que como professor em formação pôde e ainda pode ter contato com

propostas de ensino na língua inglesa que podem contribuir com as práticas de ensino também em espanhol, que é o seu real interesse. Acredita que aprender inglês poderá proporcionar o contato com obras originais, sem tradução e propostas de ensino que podem contribuir para o trabalho em língua espanhola. Sobre o perfil do falante de inglês, o entrevistado acredita que são pessoas com bom poder aquisitivo, que tiveram oportunidade de estudar em escolas de idiomas, por longos períodos, talvez classe média e/ou classe média alta. O perfil do professor ideal, para o entrevistado, é o brasileiro graduado, por já ter passado pela mesma situação de aprendizagem que o aluno se encontra e poder identificar possíveis dificuldades com a língua. Os cursos de línguas que a universidade oferece, na opinião do entrevistado que já participou, em geral são muito bons e ajudaram a despertar um pouco de interesse em aprender inglês. Comparando as escolas de idiomas e os cursos de línguas da UNIPAMPA, gostaria que os cursos da universidade tivessem as características das escolas de idiomas, com um ambiente descontraído com dinâmicas semelhantes de exposição do conteúdo e prática, não só gramática. Para ele, as escolas de idiomas ainda são artigos de luxo, enquanto a universidade oferece esse serviço gratuitamente.